



Mbandece a transformação...

A Aldeia Comunal de Mbandece, no distrito do Lago, é considerada a aldeia-piloto, de onde as outras, situadas na área daquele distrito têm a aprender.

Surgida na sequência do dismantelamento de um antigo aldeamento colonial, a Aldeia Comunal-Piloto de Mbandece revela a grande capacidade dos homens para transformarem as coisas, o que, no Niassa, é bem evidente.

● Texto Hilário Matusse

● Fotos: Francisco Munia

«Dantes vivíamos num aldeamento que fica lá para longe. Hoje vivemos bem aqui. Esta é a Aldeia Comunal-Piloto do distrito do Lago». Declarou Kawuia Bussija, aldeão ali radicado desde 1981.

A Aldeia Comunal de Mbandece conta com 1434 habitantes.

A vida dos habitantes da aldeia tem preocupado as estruturas da Província. Assim, uma Escola Pri-

mária para os filhos dos camponeses, um Centro de Alfabetização e um Posto de Socorros são, dentre várias outras, algumas infra-estruturas destinadas à elevação do nível de vida de Mbandece.

A escola conta com três professores; o posto de socorros tem um agente polivalente que, saído da própria aldeia, frequentou em

Nampula, um curso, que o habilitaria à prática de tal função.

Uma Célula composta por 23 membros e dirigida por um secretário e dois assistentes, para além do Conselho Executivo oficializado em Agosto do ano transacto, constituem as estruturas política e administrativa que enquadram e dirigem os aldeões.

A capacidade de transformar, que Mbandece revela, encontra razão de ser no empenho das estruturas do distrito do Lago e do Niassa em geral.

Lembrar que, em tempos, próximo da Aldeia Comunal-Piloto funcionou um destacamento das forças militares do colonialismo português, facto do qual advieram nefastas consequências sociais e, hoje, contrastar essa realidade com a vida que os habitantes de Mbandece levam, é suficiente para acre-

ditar na capacidade de o homem transformar as coisas, o que, aliás, no Niassa é uma constante.

SÓ PRODUZINDO ...

— Sabemos que sem produzir não podemos viver. Por isso, temos uma pré-cooperativa de produção agrícola — disse Mawila Shaibo.

Mais adiante explicou que nem todos os aldeões são cooperativistas, produzindo alguns em machambas familiares. «Contudo, aos poucos, mais elementos vão-se tornando membros da cooperativa».

A produção de Mbandeço é actividade inadiável de todos. Até os mais pequenos aprendem a culimar com enxadas, por vezes, maiores que eles próprios.

Com efeito, na campanha agrícola 80/81, foram lavrados 10 hectares de milho, 1 hectare de batata reno e 10 hectares de feijão. Fora isto, foram produzidos 202 quilogramas de girassol. De todos estes produtos, a pré-cooperativa agrícola de Mbandeço obteve um valor de 30 024,25 MT em dinheiro.

Na campanha agrícola 81/82 houve baixa de rendimento, devido ao atraso na chegada da semente à cooperativa. Embora se tives-

se lavrado a área de 10 hectares de milho e igual área de feijão, nada há a apontar em termos de rendimento.

A campanha 82/83 conheceu, por sua vez, um aumento da área de cultivo de milho que subiu para os 14 hectares, enquanto

o feijão baixava para os 6 hectares.

Ter sombra e fruta também é desejo da Aldeia Comunal de Mbandeço. Por isso, em 1981, os camponeses que ali habitam plantaram bananeiras, goiabeiras, laranjeiras e nespereiras. Em 1982, foram plan-



O caminho a seguir! Em Mbandeço, a vida começa cedo



O futuro destas crianças está nas mãos dos aldeões de Mbandeço, seus pais



Mbandeço beneficia da carreira da ROMON que vai até Maniamba



«Temos a cooperativa de peixe aqui perto mas não comemos peixe» — Mawila Shaibo

tados 582 pinheiros para sombra, cujo estado de tratamento e conservação põe em causa o seu crescimento, a menos que tal seja revisto.

«As ovelhas e cabritos e os utensílios de autocarros, já que as plantas se encontram na berma da rua e próximo de uma paragem, e, também, os próprios habitantes, contribuem para tal estado de coi-

sas» afirmou Gilberto Imede, secretário da Célula do Partido naquela Aldeia Comunal.

Outro desejo, aliás, já previsto nos programas de produção do local, apontam para a introdução de trigo e café, o incremento do girassol, o que só não aconteceu ainda, por falta de semente.

O sector familiar regista, de momento, um aumento de produção e de áreas de cultivo. Hortas repletas de tomate, cebola e couve são outro dos tantos exemplos de engajamento dos habitantes de Mbandeço.

ALGUMAS DIFICULDADES POR VENCER

— Nós gostaríamos de ser apoiados porque temos falta de moagem — disse Mawila Shaibo, ao falar das dificuldades que a aldeia ainda tem para vencer.

Mais adiante acrescentou: «a falta de sabão e de roupa na nossa aldeia é uma preocupação que nos aflige bastante».

A questão do abastecimento foi um dos pontos sobre o qual vários camponeses falaram. Kawuia Bussija afirmou a este propósito:

— Existe uma cooperativa de peixe aqui no Lago, mas, nós nunca fomos abastecidos em peixe. Existe também o combinado pes-

queiro, mas, nem assim vemos peixe na aldeia.

Ainda sobre a mesma questão, Gilberto Imede diria: — Veja! Temos dinheiro na nossa cooperativa, mas, não distribuimos aos membros porque estamos a ver se conseguimos abrir uma cooperativa de consumo.

Mais adiante, acrescentou: «uma vez tivemos mantas e capulanas para vender aos cooperativistas. Isso mobilizou muita gente e, desde daí, aparecem voluntários para fazerem parte da pré-cooperativa agrícola».

Estas dificuldades não obstam, de forma alguma, o crescimento daquela aldeia, em cuja construção, os próprios aldeões estão entusiasmaticamente engajados.

— Aqui estamos muito melhor! Eu nem quero lembrar o tempo do aldeamento — afirmou Kawuia Bussija que mais adiante acrescentou: — Temos aqui muitas crianças que crescem sem pai, pessoas que ainda têm reminiscências da vida imoral que levavam com os soldados do exército colonial.

Ainda a este respeito, Mawila Shaibo diria: — Aqui vivemos juntos, levamos uma vida colectiva, ajudando-nos uns aos outros. □